

A construção do discurso midiático quando o estupro entra em campo

*Conceição Almeida da Silva (UFF)**

<https://orcid.org/0000-0003-2482-5560>

*Anabel Medeiros Azerêdo de Paula (UFF)***

<https://orcid.org/0000-0001-5784-5731>

Resumo:

As mídias definem-se como organismo especializado em preencher uma necessidade social de informação. No entanto, de acordo com Charaudeau (2010a) a informação é construída pela linguagem, que, inevitavelmente, produz uma visão do mundo, atribuindo-lhe um sentido particular. Portanto, ao informar, as mídias impõem ao seu destinatário a sua visão de mundo, constroem sistemas de valores e produzem sentidos. Para verificar como o discurso midiático constrói a realidade, serão analisadas manchetes de sites jornalísticos, produzidas a partir de discursos relatados que se referem a jogadores de futebol brasileiros envolvidos em casos de estupro. O modo de relatar o dito de outrem pode revelar o posicionamento do organismo de informação, que, na maioria das vezes, parece favorável aos jogadores de futebol acusados de crimes dessa natureza, reforçando o machismo e a cultura de estupro. Os pressupostos teóricos usados concentram-se nos postulados da Semiologia aplicada ao contrato de informação midiático.

Palavras-chave: Futebol; Estupro; Contrato de informação midiático; Discurso relatado.

Abstract:

The construction of media discourse when rape enters the soccer field

The media are defined as a body specialized in filling a social need for information. However, according to Charaudeau (2010a), information is constructed by language, which inevitably produces a view of the world, giving it a particular meaning. Therefore, when informing, the media impose their worldview on their addresses, build value systems and produce meanings. In order to verify how media discourse constructs reality, headlines from journalistic sites will be analyzed, produced from reported speeches that

* Doutora em Estudos de Linguagem pela UFF. Vinculação: GPS LEIFEN/UFF. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9065602510502960>. E-mail: ceicaoalmeida@hotmail.com

** Doutora em Estudos da Linguagem pela UFF. Vinculação: GPS LEIFEN/UFF – ENLIJ/UERJ. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5600603827804449>. E-mail: anabel.azeredo@gmail.com

refer to Brazilian soccer players involved in rape cases. The way of reporting someone else's statement can reveal the position of the information agency, which, in most cases, seems favorable to soccer players accused of crimes of this nature, reinforcing chauvinism and the rape culture. The theoretical assumptions used are concentrated in the postulates of Semiolinguistics applied to the media information contract.

Keywords: Soccer; Rape; Media information contract; Reported speech.

Palavras Iniciais

Para Charaudeau (2010a), o ato de informar deve descrever (identificar-qualificar fatos), contar (reportar acontecimentos) e explicar (fornecer causas desses fatos e acontecimentos). Ainda que o sujeito informante pretendesse alcançar a plenitude da imparcialidade ao reportar acontecimentos, o processo de semiotização do mundo não lhe permitiria alcançar tamanha transparência, já que o mundo não possui uma realidade ontológica, pois a existência de uma dada realidade depende de um ponto de vista.

Apesar disso, ainda existe uma concepção ingênua¹ a respeito da informação transmitida pelas mídias, não em razão de seu objetivo ético (informar o cidadão), mas por conta do modelo de comunicação social que lhe é subjacente, considerado como evidente. As mídias são organismos de informação que transformam um mundo a descrever e a comentar em um mundo descrito e comentado. Portanto, o acontecimento é sempre construído, pois se trata de uma visão do mundo que as mídias detêm sobre o mundo-objeto, transformando-o em objeto-sentido².

1 Como aponta Charaudeau (2010a, p. 34), essa visão ingênua sobre a informação midiática se apoia nas primeiras teorias da informação, as quais tomavam a linguagem como um objeto transparente, e a comunicação como uma atividade simétrica entre um emissor e um receptor em uma situação de troca ideal (CHARAUDEAU, 2010b, p. 16).

2 Esse modelo de comunicação social considera que a instância de transmissão seja capaz de as-

No domínio midiático, as estratégias de encenação enunciativa parecem aspirar à isenção partidária, principalmente, quando se constrói a notícia por meio do recurso linguístico-discursivo denominado "dito relatado" (CHARAUDEAU, 2010b), que se constitui de um encaixe do dito do locutor de origem ao dito do locutor-relator. Charaudeau (2010b) descreve as funções e os efeitos do dito relatado, entre os quais o engajamento da instância midiática ao propósito do locutor de origem.

É pertinente, para tanto, lembrar que há um conjunto de valores e saberes socialmente compartilhados que constituem o imaginário social sobre o estupro. Como define Charaudeau (2017, p. 578), o imaginário é uma forma de apreensão da realidade, que "resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva. (CHARAUDEAU, 2017, p. 578). Falar em estupro no Brasil significa ter em vista todo um conjunto de imaginários sociodiscursivos que circulam sobre a questão de gênero, principalmente os estereótipos que

segurar transparência entre fonte de informação e receptor, instaurando um circuito de comunicação fechado, livre de intersubjetividade. Com isso, haveria uma relação simétrica entre o emissor, que codifica a mensagem, e o destinatário, que a decodifica; e a comunicação seria apenas um procedimento de transmissão de informações.

determinam o que é ser homem ou mulher em uma sociedade ainda patriarcal como a brasileira. Ao homem, cabem muitos lugares e papéis, principalmente se ele estiver vinculado a instâncias de prestígio, como o futebol; à mulher, cabe funções tradicionais – dona de casa, mãe, esposa, a “bela, recatada e do lar”. Nesse contexto, o homem goza de uma série de liberdades que são negadas à mulher.

Para Cerqueira e Coelho (2014), o estupro é uma forma de violência de gênero, que, por sua vez, constitui-se como reflexo cultural da ideologia patriarcal, para a qual a mulher é tomada como objeto de desejo e de propriedade pelo homem. A superação da visão de mundo patriarcal ainda é um fenômeno bastante recente no Brasil, haja vista a própria legislação brasileira, que até 2009, tipificava o estupro como um crime de ação privada contra os costumes. Isso quer dizer que a violência sofrida pela mulher afetava a integridade moral do pai ou do marido. Somente a partir da Lei nº 12.015, promulgada em 7 de agosto de 2009, passou-se a considerar o estupro como crime contra a dignidade e a liberdade sexual de qualquer pessoa.

O Brasil está entre os países com as maiores taxas de estupro do mundo, sendo as mulheres 81,8% das vítimas. Além disso, esse é um crime em franco crescimento, como se pode perceber pelas estatísticas dos anos 2017 e 2018, que juntos somaram cerca de 120 mil casos de estupro contra mulheres, registrando aumento de 5% em comparação com os cinco anos anteriores (VENCESLAU, 2020).

Apesar de o estupro ser considerado crime no Brasil, uma pesquisa realizada em 2013, pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), intitulada “Tolerância social à violência contra mulher” (IPEA, 2014), revelou que 58,5% dos entrevistados

concordam com a seguinte afirmação: “Se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros”. Esse resultado ilustra como a sociedade brasileira responde à questão “o que é ser mulher?”, isto é, mulher precisa saber se comportar. Com isso, os papéis se invertem, e a vítima passa a ser a culpada, amenizando a responsabilidade da agressão do homem contra a mulher. Esses dados mostram que a violência de gênero está consolidada no imaginário sociodiscursivo brasileiro, estruturado por saberes de crença que determinam o modo de ser da mulher na sociedade a partir de concepções preconceituosas.

Segundo Charaudeau (2010a, p. 83), a instância midiática também precisa ser concebida como uma entidade empresarial que comercializa o seu produto e, para captar o maior número de consumidores possível, empresas de comunicação recorrem a estudos de impacto e de audiência para conhecer os comportamentos, as opiniões e as preferências do público. Esses mecanismos permitem às organizações midiáticas conhecer o imaginário social do seu público-alvo para construir a notícia de modo mais patêmico³. Desse modo, o objetivo dessa pesquisa concentra-se em analisar em que medida a presença de um discurso relatado no título da matéria evidencia o posicionamento enunciativo do organismo de informação sobre o estupro.

O contrato de comunicação midiático e a encenação da informação

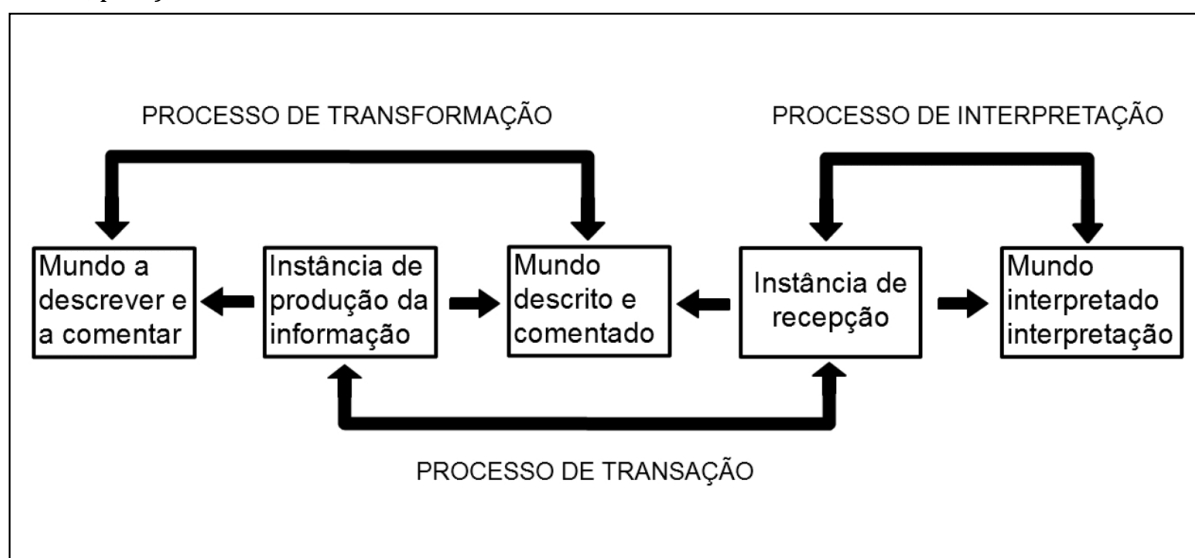
A comunicação midiática, semelhantemente

3 O termo patêmico (de *pathos*, que, na retórica, remete a um dos três tipos de argumentos destinados a persuadir o auditório) é empregado por Charaudeau (2010a) para indicar o uso de recursos discursivos que intencionam efeitos emotivos em seu destinatário.

a todo ato de comunicação, realiza-se segundo um processo duplo: de transformação e de transação. Assim, o mundo a descrever é onde se situa o acontecimento bruto, que, ao passar pelo processo de transformação, é convertido em acontecimento construído, isto é, converte-se em notícia. Essa conversão ocorre sob a dependência do processo de transação, responsável por influenciar a

construção da notícia em função da instância de recepção. Esse mundo descrito e comentado, convertido em notícia, é apresentado à instância de recepção e passa por um processo de interpretação para se tornar um mundo interpretado. Charaudeau (2010a, p. 42) demonstra, a partir do esquema reproduzido a seguir, como os acontecimentos são transformados em notícias:

Quadro 1: Processo de semiotização do mundo aplicado ao discurso informativo (CHARAUDEAU, 2010a, p.42)



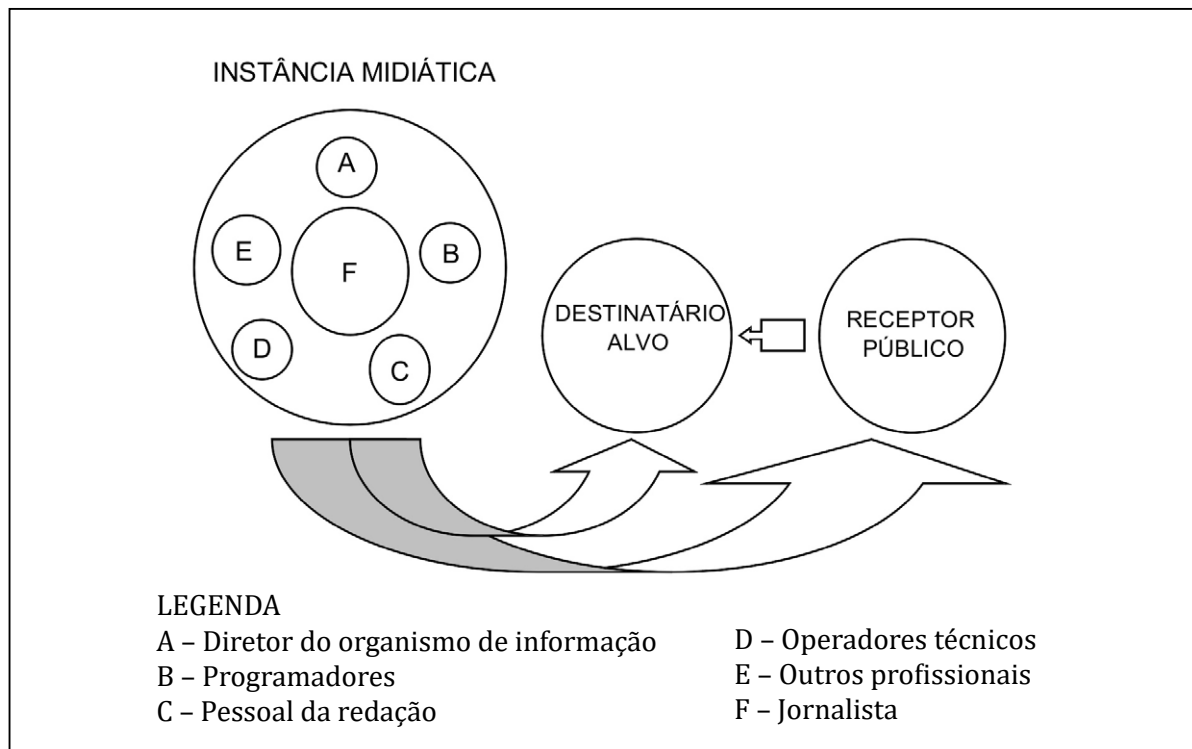
O contrato de comunicação midiático é semelhante ao contrato de comunicação geral; entretanto, nesse caso, a instância de produção é constituída por muitos atores – desde os diretores do organismo de informação até o jornalista que assina a matéria – uma vez que todos contribuem como coenunciadores para a aparente homogeneidade da enunciação, embora o jornalista seja considerado a figura mais importante dentre todas. Por essa razão, Charaudeau (2010a) denomina instância midiática a instância global de produção, que inclui todos os que a compõem.

Para se estabelecer um contrato de comunicação midiático é preciso presumir a instância de recepção, ou seja, o público, que não

pode ser generalizado, pois se trata de uma instância heterogênea e instável. Apesar disso, alguns organismos de informação baseiam-se em hipóteses e fazem escolhas quanto ao seu público-alvo em função de opiniões políticas, de classes sociais, de faixa etária etc.

Charaudeau (2010a) afirma que a instância de produção não deixa de fazer previsões a respeito da avaliação do público enquanto receptor da informação; por isso, o autor trata a instância de recepção também como uma entidade que se desdobra em sujeitos: o receptor-público, aqueles que produzem multiplicidade de efeitos de sentidos, e o destinatário-alvo, aqueles a quem se destinam os efeitos visados pela instância midiática.

Quadro 2: Circuito da comunicação no contrato de informação midiático



Como a instância de recepção possui uma variedade de valores ético-sociais e afetivo-sociais, Charaudeau (2010a, p. 79) afirma que o destinatário-alvo é abordado de duas maneiras, a saber: como alvo intelectual ou como alvo afetivo. O alvo intelectual é aquele capaz de avaliar seu interesse de acordo com o que lhe é proposto e de atribuir credibilidade à instância midiática que se propõe a transmitir-lhe a informação. Já o alvo afetivo é considerado aquele que constrói avaliações por meio de reações de ordem emocional e de modo inconsciente. No processo de construção do destinatário-alvo, Charaudeau (2010a) esclarece que a instância midiática leva em consideração a integração entre o alvo intelectual e o afetivo, o que dá origem à opinião pública.

Para Charaudeau (1999, p. 2), “o ato de linguagem traz a marca da intencionalidade”, uma vez que o locutor encontra-se em uma dupla relação de intersubjetividade com o interlocutor e de subjetividade consigo mesmo. Essa relação intersubjetiva atua-

liza-se a partir de atitudes enunciativas do EU em relação ao TU, as quais determinam a intenção pragmática do sujeito falante em relação ao seu interlocutor e, também, a posição que o interlocutor deve ocupar. Charaudeau (2004, p.23) denominou essa intencionalidade psicossociodiscursiva do sujeito falante, capaz de determinar suas atitudes enunciativas, como *visadas* discursivas, e elencou seis tipos principais: prescrição, solicitação, incitação, informação, instrução e demonstração.

Charaudeau (2005) afirma que as *visadas* de informação e de incitação são as que caracterizam o contrato de comunicação midiático, pois a instância de informação está na posição de fazer saber, uma vez que sua função é a de transmitir informação, e também está na posição de mandar fazer, ou seja, instigar o desejo da instância de recepção de consumir a informação, através da sedução ou da persuasão.

As instâncias midiáticas vivem em uma tensão constante quanto à credibilidade e

à captação, pois quanto mais as instâncias tendem para a credibilidade, cujas exigências são as da austeridade racionalizante, menos alcançam o grande público; por outro lado, quanto mais tendem para a captação, cujas exigências são as da imaginação dramatizante, são cada vez menos críveis. O jornalista, então, faz uso de estratégias discursivas em função dos desafios de credibilidade e de captação com que se depara. Segundo Charaudeau (2010b), o objetivo principal do sujeito falante é influenciar o seu interlocutor, ou seja, fazer com que o interlocutor reaja à sua enunciação. Portanto, o modo como a instância midiática constrói a sua enunciação, organiza o seu discurso, expondo o seu posicionamento de forma explícita ou não, pode ser determinante para a captação do destinatário-alvo.

A mídia e as diferentes maneiras de construir a enunciação dos fatos

Para Charaudeau (2010b), o modo enunciativo tem uma função particular na organização do discurso, visto que, se por um lado ele dá conta da posição do sujeito comunicante frente ao discurso, por outro, ele intervém na encenação dos outros três modos – o descritivo, o narrativo e o argumentativo. Dessa forma, o falante não pode prescindir do modo enunciativo; pode apenas decidir sobre como se posicionará: se pela modalidade alocutiva, pela elocutiva ou pela delocutiva, ou ainda, por uma combinação entre as três.

Ao eleger a modalidade alocutiva, o sujeito falante estabelece uma relação de influência sobre seu interlocutor (EU → TU), impondo-lhe um comportamento, uma atitude, uma reação; o que é bastante comum

na publicidade. Ao eleger a modalidade elocutiva, o falante posiciona-se sobre o mundo (EU → ELE-MUNDO), evidenciando um tom subjetivo, como ocorre, por exemplo, nos textos opinativos, em que o enunciador se autoreferencia por meio do pronome de primeira pessoa do singular (eu) e posiciona-se sobre o propósito em debate. Por fim, ao eleger a modalidade delocutiva, o falante emprega certa objetividade em seu discurso, distanciando-se do que diz (ELE-ALGUÉM → ELE-MUNDO), modalidade comum à esfera midiática informativa, que prega objetividade, ou seja, o distanciamento dos sujeitos.

A modalidade delocutiva, que tem sua função de base determinada pela retomada de discursos cuja origem não se revela ser o EU ou o TU, se organiza em função de uma posição de apagamento dos sujeitos interagentes, tanto o locutor quanto o interlocutor. Embora não se possa negar que o locutor continua a ser o responsável pelo ato de fala emitido e que esse ato de fala continua a se dirigir a algum interlocutor, suas presenças não podem ser detectadas pela configuração linguística (como ocorre nas modalidades elocutiva e alocutiva).

Dessa forma, a modalidade delocutiva se impõe ao interlocutor por meio de dois modos de dizer, quais sejam a asserção e o discurso relatado (CHARAUDEAU, 2010b, p. 100). A asserção se mostra por um certo valor de verdade (o mundo é assim), enquanto o discurso relatado mostra o modo como um discurso anteriormente produzido por outra pessoa se apresenta (alguém disse assim). Nos gêneros da mídia impressa, a asserção explícita, isto é, aquela em que o ato locutivo é dado na sentença (é evidente que, é verdade que etc.), é mais comum no corpo do texto, como destacamos no seguinte exemplo:

Exemplo 1: “Com o crescimento de serviços de streaming e a tendência das ligas de abrirem negociações para a internet aberta, *é provável que* o futebol esteja mais nos nichos durante a maior parte do tempo.” (CARBONE, 2019).

Aqui, a asserção explícita se constitui pelo ato locutivo “é provável que”, seguido da modalidade de probabilidade, marcada também pela forma verbal “esteja: “o futebol esteja mais nos nichos durante a maior parte do tempo”. Vejamos que o propósito se impõe por si só, sem a necessidade de referenciar o EU ou o TU. Entretanto, toda enunciação possui um enunciador, que mesmo que não se mostre, permanece suposto. Logo, não se pode deixar de considerar que é dele a responsabilidade pela escolha vocabular, pela organização estrutural da frase e, conseqüentemente, pela interpretabilidade dos fatos que serviram para a construção dos sentidos postos.

Já os títulos de notícias e reportagens divulgadas por meio impresso, comumente, são formulados por meio da asserção implícita, em que o ato locutivo não é dado na sentença e precisa ser recuperado em função da finalidade, do contexto e de outras circunstâncias discursivas, como ocorre no seguinte título:

Exemplo 2: “Cristiano volta a testar positivo e pode ser desfalque contra o Barcelona.” (VEJA, 2020).

Nesse exemplo, o ato locutivo “é verdade

que” não está explícito, mas pode ser recuperado em vista da modalidade de afirmação que podemos apreender em função da situação comunicativa estabelecida: trata-se de um site de divulgação de informações que tem credibilidade social e que pretende transmitir um tom de imparcialidade sobre o que divulga, ou seja, o valor de verdade é importante nesse contexto. Também nesse caso, podemos verificar que o EU e o TU não são explicitados linguisticamente, o que faz com que o propósito se imponha por si mesmo, dando a sensação de ser uma informação que vale por si só. Trata-se, assim, de uma verdade que se manifesta no modo de dizer, ou seja, não se busca descobrir se o propósito é verdadeiro, apenas de observar que sua enunciação foi apresentada como verdadeira, portanto, confiável.

Dentre as modalidades delocutivas, o discurso relatado é bastante comum em títulos de textos escritos divulgados na mídia. Tendo como base Charaudeau (2010a), consideramos tratar-se de um discurso relatado sempre que a origem do que se diz não tem como ser atribuída ao locutor-relator, que pode apenas reproduzir ou pode parafrasear o discurso de origem. A partir disso, vale considerar aqui diferentes formas de relatar, quais sejam o discurso citado, o integrado, o narrativizado e o evocado, conforme Charaudeau (2010a, p. 165-166), apresentadas didaticamente no quadro abaixo:

Quadro 3: Exemplificação de discursos relatados, conforme Charaudeau (2010a)

Tipos de discurso relatado	Voz do locutor-relator	Voz do locutor de origem
Discurso citado	Ele disse:	“Estou decepcionado.”
Discurso integrado	Ele disse que	estava decepcionado.
Discurso evocado	Como sempre, ele	‘estava decepcionado’.
Discurso narrativizado	Ele confessou sua	decepção.

O discurso citado corresponde ao que comumente se denomina estilo direto e se caracteriza por apresentar o discurso original com fidelidade, reproduzindo-o tal qual teria sido dito pelo enunciador citado – tanto a forma quanto o conteúdo (“Estou decepcionado”). Conforme Maingueneau (2013, p. 183), o uso do discurso citado pode atender a diferentes finalidades: criar autenticidade (fidelidade), distanciamento (seja por desprestigiar, seja por supervalorizar o dito de origem), ou, ainda, objetividade, seriedade. Entretanto, o autor salienta que é preciso considerar o contexto de cada enunciado (tanto o citado quanto o citante) para analisar a finalidade de empregar uma citação direta.

O discurso integrado, de certa forma, corresponde ao estilo indireto e se caracteriza por reproduzir somente o conteúdo, a ideia, e não a forma do discurso citado (Ele disse que estava decepcionado). Embora ainda se possa identificar o trecho que pode ser atribuído ao discurso de origem, faz-se uma integração parcial da enunciação original à nova enunciação, por meio de pronomes em terceira pessoa e o uso de verbos de elocução (dizer, falar, perguntar, responder, indagar, comentar, exclamar, retrucar etc.). A presença desses verbos é importante para que se reconheça a presença de um discurso relatado, mas principalmente para que se identifique o grau de adesão do relator ao dito de origem, visto que, segundo Charaudeau (2010b, p. 103-104), a escolha do verbo de elocução pode revelar maior ou menor objetividade – dizer “eu imagino” significa “eu suponho”; dizer “ele imagina” significa que ele “acredita sem razão”. Isso ocorre porque, enquanto no discurso citado há duas situações de enunciação bem-marcadas (a do discurso citado e a do discurso citante), no discurs-

so integrado apenas se pode perceber a situação do discurso citante. Com isso, todo o dizer torna-se dependente somente desta situação, de modo que a interpretação dada ao enunciado estará muito pouco vinculada ao dizer de origem.

Por fim, podemos considerar que o discurso narrativizado e o discurso evocado se caracterizam por uma integração total do discurso citado, de modo que ele perde sua referência enunciativa, diferentemente do citado e integrado, que preservam a origem do dizer de alguma forma. No discurso narrativizado (Ele confessou sua decepção), o discurso está tão integrado que não se pode mais recuperar a forma como ele teria sido dito originalmente, pois a enunciação apresenta somente o conteúdo já interpretado e traduzido pelo relator – no caso o exemplo dado o discurso de origem foi nominalizado: “Estou decepcionado.” Virou simplesmente “decepção”. Trata-se, pois de uma forma de relatar que se permite maior interpretabilidade.

No caso do discurso evocado (Como sempre, ele ‘estava decepcionado’), apesar de haver marcas formais que indicam a remissão ao discurso de outro, há uma total interpretabilidade por parte do relator, que se preocupa apenas em reproduzir uma maneira de dizer, sem compromisso com a ideia original; em outras palavras: é assim que ele costuma dizer, não necessariamente ele disse isso; ou isso faz parte do dito dele, mas ele não necessariamente disse dessa forma. Vale considerar ainda que é muito comum encontrar manchetes que misturam as maneiras de relatar, o que Maingueneau (2013) denominou “formas híbridas”, isto é, parte do relato é construído com o discurso integrado e parte com o citado; ou parte com discurso integrado e parte com discurso evocado etc.

Os ditos relatados nas manchetes sobre casos de estupro envolvendo jogadores de futebol no Brasil

Para constituir nossa análise, selecionamos doze manchetes e as distribuimos em cinco grupos, conforme a modalidade de discurso relatado em que se enquadram. Vale destacar também que as manchetes serão ana-

lisadas em função das visadas discursivas identificadas, o que lhes confere:

- Maior ou menor grau de informatividade (objetividade, neutralidade, autenticidade);
- Maior ou menor grau de incitação – sedução e persuasão (adesão do jornalista-relator, interpretabilidade, integração do dito original).

Quadro 4: Ditos relatados em manchetes sobre estupros, envolvendo jogadores de futebol, agrupadas conforme Charaudeau (2010a)

Grupo 1 – Relatos feitos apenas por meio de discurso citado: 4	
Manchete 1:	As gravações do caso Robinho na justiça italiana: "A mulher estava completamente bêbada" ¹
Manchete 2:	Caso Neymar: 'Violência durante o sexo não é estupro, é agressão', diz advogada. ²
Manchete 3:	Defensora feminista, advogada de Neymar explica por que aceitou o caso: 'É uma falsa acusação' ³
Manchete 4:	Goleiro Bruno fala da morte de Eliza Samudio: 'Foi uma situação que saiu do meu domínio' ⁴
Grupo 2 – Relatos feitos apenas por meio de discurso integrado: 0	
Observação:	Embora não haja nenhum título construído somente de discurso integrado, consideramos, na análise, que isso é significativo.
Grupo 3 – Relatos feitos apenas por meio de discurso evocado: 1	
Manchete 5:	Caso Robinho: gravações mostram que mulher estava 'completamente bêbada' ⁵
Grupo 4 – Relatos feitos apenas por meio de discurso narrativizado: 2	
Manchete 6:	Najila explica porque pediu camisinha para Neymar. E não era medo de engravidar ⁶ .
Manchete 7:	Neymar é acusado de estupro; jogador nega e fala em tentativa de extorsão ⁷

1 Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/as-gravacoes-do-caso-robinho-na-justica-italiana-a-mulher-estava-completamente-bebada.ghtml>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

2 Disponível em: < <https://www.terra.com.br/esportes/craques/neymar/caso-neymar-violencia-durante-o-sexo-nao-e-estupro-e-agressao-diz-advogada,72111b7b1ca5e40fabfe4b883c72af4846dvm8yc.html>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

3 Disponível em: <<https://extra.globo.com/esporte/defensora-feminista-advogada-de-neymar-explica-por-que-aceitou-caso-uma-falsa-acusacao-23722092.html>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

4 Disponível em: <<https://www.lance.com.br/fora-de-campo/goleiro-bruno-fala-morte-eliza-samudio-foi-uma-situacao-que-saiu-meu-dominio.html>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

5 Disponível em: <<https://istoe.com.br/caso-robinho-gravacoes-mostram-que-mulher-estava-completamente-bebada/>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

6 Disponível em: <Esporte - iG @ <https://esporte.ig.com.br/futebol/2019-06-12/najila-explica-porque-pediu-camisinha-para-neymar-e-nao-era-medo-de-engravidar.html>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

7 Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/blogs/bastidores-fc/post/2019/06/01/neymar-e-acusado-de-estupro-em-paris-boletim-de-ocorrencia-e-registrado-em-sao-paulo.ghtml>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

Grupo 5 - Relatos feitos por meio de formas híbridas: 5	
Manchete 8:	Robinho se compara a Bolsonaro, diz que vítima pede R\$ 3 milhões e revela apoio de Neymar ⁸ – narrativização + integração
Manchete 9:	Em gravações, Robinho afirma que mulher que o acusa de estupro estava "completamente bêbada" ⁹ – integração + evocação
Manchete 10:	Mulher acusa Neymar de estupro e registra B.O.; pai diz que jogador é vítima de extorsão ¹⁰ – integração e narrativização
Manchete 11:	Robinho diz que teve consentimento de jovem e reclama: "Infelizmente, existe esse movimento feminista" ¹¹ – integração e citação
Manchete 12:	Robinho lamenta repercussão de condenação por estupro: "Infelizmente, existe esse movimento feminista". ¹² – citação e narrativização.

No grupo 1, os títulos, construídos com discurso citado, trazem o dito de origem demarcados com aspas (simples ou duplas), reproduzidos fielmente e separados por meio de pontuação (dois pontos, vírgula). Com essa forma de dizer, o dito citado parece desfrutar de maior autonomia e fidelidade ao dito de origem, além de conferir maior objetividade e neutralidade ao relato feito, como se isentasse o locutor-relator da responsabilidade dessa enunciação. Podemos ver que os trechos atribuídos ao relator se restringem a apresentar o discurso citado sem nenhuma interpretação explícita, como ocorre em “diz a advogada”.

No entanto, como vimos, ao ser retomado em uma nova enunciação, o dito do outro acaba servindo a uma nova finalidade, de modo que a intencionalidade do dito de origem pode ser modificada, reinterpretada ou mesmo silenciada. Nesse contexto, para

atender aos sentidos visados pela instância midiática, por um lado, o discurso poderá ser avaliado, reavaliado, recontextualizado, redirecionado a um público-alvo distinto, atrelado a outros valores ideológicos e afetivos etc. Por outro, tendo em vista os efeitos que poderão ser realmente produzidos, esse dito citado estará sujeito à opinião pública, que, como vimos, depende dos imaginários sociodiscursivos compartilhados pelo público receptor.

Diante disso, duas situações se colocam e precisam ser levadas em conta. Em primeiro lugar, um efeito de maior isenção, pois o dito relatado se apresenta ao público receptor com uma aparência de informatividade e autenticidade, como se o locutor-relator quisesse afirmar seu distanciamento do que enuncia: “Não sou eu quem digo, isso foi dito assim”. Com isso, o relator não assumirá qualquer dos sentidos que venham a ser

8 Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/robinho-se-compara-bolsonaro-diz-que-vitima-pede-3-milhoes-revela-apoio-de-neymar-24699068>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

9 Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2020/10/em-gravacoes-robinho-afirma-que-mulher-que-o-acusa-de-estupro-estava-completamente-bebada-ckgcgygln001501j5war0xhyz.html>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

10 Disponível em: <<https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,mulher-acusa-neymar-de-estupro-e-registra-bo-pai-diz-que-jogador-e-vitima-de-extorsao,70002852880>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

11 Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/noticias-santos-robinho-entrevista-nega-ato-sexual.ghtml>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

12 Disponível em: <<https://www.gazetaesportiva.com/times/santos/robinho-lamenta-repercussao-de-condenacao-por-estupro-infelizmente-existe-esse-movimento-feminista/>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

produzidos pelo público receptor, o grau de interpretabilidade do discurso que traz a citação ficará a cargo das capacidades intelectivas e afetivas de quem lê, e não de quem escreveu. Em segundo lugar, há também um efeito menor de sedução na visada de captação, pois não há marcas formais explícitas de que o jornalista esteja tentando agir sobre a afetividade do destinatário, de modo que a informação apresentada é considerada atrativa por si mesma.

Tais efeitos, entretanto, mascaram o fato de que, nessa situação comunicativa, as mídias tiram partido da opinião pública que circula sobre os fatos e as enunciações. O jornalista, ao eleger um trecho do discurso de origem em detrimento de outro, o faz em função dos valores ético-ideológicos e afetivos que ele delimita para o público-alvo em função dos imaginários sociodiscursivos compartilhados com o público receptor e que, por isso, será capaz de incitá-lo a ler a matéria. Além disso, considerando os imaginários que circulam sobre o futebol, sobre os jogadores, sobre as mulheres e sobre os relacionamentos, a eleição de trechos como “A mulher estava completamente bêbada”, “Violência durante o sexo não é estupro, é agressão”, “É uma falsa acusação” e “Foi uma situação que saiu do meu domínio” revelam um desejo do jornalista de mobilizar valores potencialmente capazes de produzir um efeito pragmático de justificativa para o estupro, visto que o imaginário social conferido ao destinatário-alvo desse tipo de informação é aquele que atribui a causa do estupro à falta do “bom” comportamento feminino. Ao se deparar com uma manchete formulada dessa forma, o destinatário-alvo será levado a crer que houve um motivo plausível para que o jogador cometesse o crime.

O grupo 2 representa o dito relatado por integração. Não houve ocorrência exclusiva

desta modalidade de relato na pesquisa realizada para este trabalho. Tal fato nos parece relevante em um universo de 12 títulos relacionados ao estupro envolvendo jogadores de futebol. O discurso integrado implica a incorporação parcial do dito original, atribuído ao jogador ou aos envolvidos no caso, ao dito do jornalista. Dentre as formas de dito relatado, é aquela em que o locutor-relator faz a enunciação do outro sem demarcar claramente para o leitor quais são os limites entre sua própria enunciação e a do outro, pois, na verdade, tudo passa a ser sua própria enunciação. Com isso, o relator jornalista precisa contar com a capacidade do leitor de identificar as marcas formais que caracterizam o dito integrado – pronomes e verbos de elocução em terceira pessoa, oração construída de forma subordinada etc. Diante disso, integralizar a fala de alguém que está sendo acusado de um crime grave em sua própria fala é assumir um risco: o de perder o controle da interpretação desejada para o que está sendo relatado.

No grupo 3, encontramos apenas uma manchete: “Caso Robinho: gravações mostram que mulher estava ‘completamente bêbada’”, construída por evocação do dito original. O trecho entre aspas simples (‘completamente bêbada’), claramente, faz alusão a um trecho extraído das gravações, dito pelo jogador, mas vem totalmente integrado ao discurso relatado. Essa forma de apresentar o dito de origem ainda confere certo efeito de autenticidade ao dito relatado (o jogador realmente disse isso), mas revela também a adesão do locutor-relator ao propósito do locutor de origem e ao próprio imaginário social sobre o tema, pois a parcela evocada do dito de origem faz ouvir também o senso comum, que como dito antes, culpabiliza a mulher por seu comportamento inadequado, o que parece produzir um efeito

pragmático de justificativa para o estupro cometido pelo jogador Robinho. Por isso, o nível de sedução, constituinte da visada de incitação, nessa manchete é alto; tendo em vista o alvo afetivo da manchete, ela incitará os leitores a consumir a informação.

No grupo 4, estão as manchetes construídas por narrativização do dito de origem, isto é, o conteúdo do dito de origem é reproduzido a partir de uma reinterpretação feita pelo locutor-relator, há uma integralização total tanto no que se refere à forma quanto ao conteúdo. Observemos, por exemplo, que, na manchete 6, a primeira oração não nos apresenta o dito de origem, apenas o narra pela voz do próprio locutor-relator; da mesma forma, na segunda oração, não temos exatamente qual foi a justificativa que Najila teria dado, apenas uma interpretação feita pelo locutor-relator. Como vemos, Najila, aqui, não é a responsável pelo dizer em si, mas agente de uma ação na qual ela foi a responsável por um dizer. De acordo com Charaudeau (2010a), nessa modalidade de relato, o dito original desaparece totalmente no dito de quem relata, permitindo um grau alto de interpretabilidade ao locutor-relator.

Desse modo, o locutor-relator apresenta o fato de acordo com o seu ponto de vista, explicitando a modalidade de enunciação do dito original por um verbo de modalidade, como explicar (manchete 6) e negar e falar (manchete 7), traduzindo o dito original por outras palavras – “E não era medo de engravidar” (manchete 6), “nega” e “tentativa de extorsão” (manchete 7). Quem teve acesso ao vídeo gravado pelo jogador Neymar na época da acusação viu que ele realmente nega sua participação no ato, mas não o faz dizendo explicitamente “Eu nego”. Portanto, o locutor-relator, ao dizer “jogador nega”, faz referência ao conteúdo do que foi dito pelo

jogador (“O que aconteceu foi totalmente o contrário do que falam e dizem, estou muito chateado nesse momento.”), mas sem fidelidade à forma como ele disse, ou seja, há uma total integração do dizer original que foi reinterpretado. O mesmo ocorre com o trecho “tentativa de extorsão”, que originalmente foi dito pelo jogador assim: “Existem pessoas que querem se aproveitar, extorquir as outras pessoas, é realmente triste, doloroso”.

Gostaríamos de destacar aqui que, por seu maior grau de interpretabilidade e engajamento do locutor-relator, o discurso narrativizado pode permitir maior grau de sedução, por meio da construção de um ponto de vista mais explícito, que demonstre para o público receptor qual é o posicionamento do jornalista diante da informação apresentada. Nos dois exemplos lidos, no entanto, o discurso relatado parece preservar o ponto de vista do enunciador de origem, narrativizando a enunciação de forma bastante fiel ao dito original. Com isso, o relator-jornalista se resguarda da responsabilidade de interpretar um assunto tão complexo: na manchete 6, apresenta o conteúdo da fala de Najila de forma tão resumida que, ou obriga o leitor a ler a matéria para entender o que ela explicou exatamente, ou leva-o a fazer julgamentos a partir de suas próprias crenças sobre a temática; na manchete 7, da mesma forma, para ver como o jogador negou e qual foi exatamente a extorsão sofrida é preciso ler a matéria, mas o leitor pode, antes mesmo de fazer a leitura, fazer um julgamento favorável ao jogador. Como vemos, ao se manter isento da responsabilidade de reinterpretar o conteúdo do relato de origem, o jornalista, mais uma vez, dá margem ao leitor de fazer os cálculos interpretativos tendo por base o imaginário social, suas crenças e seus juízos de valor, o

que pode acabar colocando, mais uma vez, a mulher como culpada pelo ato.

No grupo 5, as manchetes apresentam características que excedem os limites das categorias postuladas por Charaudeau (2010a), assumindo formas híbridas de expressão: narrativização e integração nas manchetes 8 e 11; narrativização e citação na manchete 12; evocação e integração na manchete 9 e citação e integração na manchete 10. O uso de formas híbridas possibilita ao locutor-relator diferentes modos de engajamento com o dito relatado, como veremos.

Na manchete 8, por exemplo, há três orações: na primeira e na última, apenas o conteúdo do dito original foi recuperado por meio das expressões “Bolsonaro” e “apoio de Neymar”, que, na fala do jogador Robinho, corresponde a “Estou me sentindo meio um Bolsonaro, está todo mundo me atacando...” e a “Me mandou mensagem (...) Me deu apoio, se disponibilizou a me ajudar...”. Fica claro que a narrativização apaga a voz do jogador Robinho, apresentando-o, antes, como o agente de uma ação (CHARAUDEAU, 2010a, p.172) – Robinho não disse “eu me comparo”, mas ele realmente se comparou; tampouco disse que revelava algo, mas, de fato, ele cumpriu a ação de revelar. Como podemos perceber, na narrativização presente nesse dito relatado, a responsabilidade do dizer é do jornalista-relator; o jogador é apenas um personagem colocado em cena.

Na segunda oração dessa manchete (“diz que vítima pede R\$ 3 milhões”), encontramos a estrutura de um dito integrado, marcado pela presença do verbo de dizer (diz) e pela conjunção “que”, o que, de certo modo, seria uma forma de lembrar ao leitor da manchete que toda a informação ali presente tem uma mesma fonte de origem – o jogador –, mesmo que o jornalista tenha assu-

mido a responsabilidade pela enunciação. A forma híbrida de construção desse dito relatado nessa manchete pode provocar alguns efeitos de sentido, a depender da quantidade de informação que o leitor tenha sobre o fato em si, sobre o jogador em questão, sobre a instância midiática que enuncia etc. Ao ler que o jogador “se compara a Bolsonaro”, por exemplo, o leitor pode tanto se identificar, favorecendo uma opinião de apoio ao jogador, quanto se opor, principalmente em razão de questões políticas que permeiam o imaginário social brasileiro no contexto dessa manchete. Dessa forma, a narrativização, ainda que se configure como uma forma de relatar que permite ao jornalista maior grau de subjetividade e de expressão própria sobre o dito de origem, ainda permite que ele garanta sua isenção diante do que enuncia, permitindo, conseqüentemente, que o ponto de vista do jogador, relator de origem do conteúdo enunciado, possa ainda prevalecer, de modo que a mulher, nessa manchete, antes de ser vítima, é uma agressora – ela coloca o jogador em uma posição desconfortável: ele se sente atacado, obrigado a dar-lhe uma alta quantia de dinheiro, ele precisa de apoio de outra pessoa.

A manchete 9, formada por integração e evocação, por um lado confere autenticidade ao discurso relatado, pois apresenta um trecho destacado entre aspas que representa o que teria sido dito pelo jogador; também parece conferir neutralidade ao locutor-relator, por causa do emprego do verbo de modalidade afirmar, mas, por outro, evidencia uma maior integralização do dizer de origem ao discurso relatado, apenas a expressão entre aspas é evocada como claramente pertencente ao outro enunciador, ou seja, ele não integraliza apenas esse trecho, se isentando da responsabilidade por esse ponto de vista. No entanto, a evocação

do dito original atrelado à integralização de outro dizer não apaga e tampouco nega que a vítima seja a culpada pelo estupro; ao contrário, parece gerar um efeito de causa para o estupro. Isso porque, como já mencionado, a sociedade brasileira alimenta em seu imaginário a ideia de que há comportamentos que são mais ou menos adequados a uma mulher, e estar “completamente bêbada” seria um daqueles comportamentos inaceitáveis. Logo, o pensamento social, dentro desse senso comum, seria o de julgar que, se a mulher bebeu e se colocou nessa situação perigosa, então ela é responsável pelo fato ocorrido, o que, se não desculpabiliza o homem, no mínimo, culpabiliza também a mulher.

A manchete 10 traz um trecho construído por meio de narrativização (“Mulher acusa Neymar de estupro”), em que o termo “estupro” interpretaria apenas o conteúdo do dizer da mulher (que poderia ter sido dito de muitas formas diferentes); e um trecho construído por integração (“pai diz que jogador é vítima de extorsão”) em que a presença da terceira pessoa (pai = ele), do verbo de elocução (diz) e da conjunção integrante que indica a subordinação entre as orações (que) mostra que a fala original foi parcialmente integrada ao discurso relatado. Podemos considerar que a narrativização do discurso da mulher provoca um apagamento do ponto de vista do discurso original, visto que temos acesso ao conteúdo descontextualizado, desprovido inclusive de seu formato original. Além do mais, o verbo “acusar” modaliza esse discurso de origem, colocando-o à prova – ela o acusa, precisa provar que tem razão, ela pode estar acusando sem justificativa. Por outro lado, a integralização parcial do dito do pai do jogador preserva ainda certa fidelidade ao dito original, de modo que podemos ver de

forma mais evidente qual o ponto de vista da origem do discurso. Logo, a construção dessa manchete de forma híbrida favorece um desprestígio do dizer feminino em favor de uma valorização do ponto de vista masculino.

As manchetes 11 e 12 apresentam uma constituição bem similar: ambas formadas de modo híbrido, com recurso à citação. Como vimos no grupo 1, a citação tem o potencial de conferir maior objetividade, neutralidade e autenticidade ao discurso relatado, possibilitando uma falsa ideia de que o locutor-relator está mais comprometido com a informatividade do seu dizer e menos empenhado em apelar para os valores afetivos do seu público-alvo. Na manchete 11, o jornalista integraliza parcialmente o dito de origem (“Robinho diz que teve consentimento de jovem”) e apresenta a citação integral de outro trecho (“Infelizmente, existe esse movimento feminista”). De forma parecida, a manchete 12 narrativiza parte do dizer e cita integralmente a outra. Na parte em que ocorre a narrativização (“repercussão de condenação por estupro”), temos acesso somente ao conteúdo do dizer original, ou seja, o locutor-relator o integralizou à sua própria enunciação, traduzindo-o livremente. Entretanto, nos dois casos, a citação se apresenta como uma forma de isentar o jornalista da responsabilidade do que está posto, o ponto de vista enunciado é, claramente, o do jogador e não o do jornalista. Este até integraliza e narrativiza o que o jogador apresentou como consequência, mas se distancia completamente do que o jogador apresentou como causa do problema (o movimento feminista). Por meio dessa hibridização, o jornalista consegue distanciar-se apenas daquilo que ele considera que será mais problemático e polêmico, gerando reações não controláveis no público receptor.

Cabe destacar ainda que a escolha dos verbos de modalidade “reclama” e “lamenta”, que fazem parte da enunciação atual, e não da citação, evidenciam alto grau de interpretabilidade ao locutor-relator, levando-nos a perceber certa adesão do locutor-relator ao propósito do locutor-original.

Um fato curioso e bastante saliente é o uso do termo caso para se referir ao estupro na maioria das manchetes analisadas. O leitor mais experiente já possui cristalizada, em seu imaginário sociodiscursivo, a forma de designação para quem é acusado e, principalmente, condenado por forçar uma mulher a manter relações sexuais contra a sua vontade. A mídia, de modo geral, costuma usar o termo estupro e, não, “caso”, como se verifica nas manchetes que remetem aos jogadores Robinho e Neymar. Essa designação revela como o princípio de influência, constituinte do processo de transação, é acionado pela visada de incitação da instância midiática, que, para além da visada de informação, parece buscar convencer o destinatário-alvo de que os re(feridos) jogadores de futebol não são estupradores, mas vítimas de mulheres que não se comportam como a sociedade espera que elas se comportem.

Considerações Finais

As mídias são organismos especializados que participam da prática social (e econômica) como empresas de informação. Essa inserção no mercado comercial faz com que elas criem estratégias para distinguir-se umas das outras, como a maneira de reportar os acontecimentos, usando discursos relatados.

Os ditos relatados funcionam como um discurso de prova do poder, da autoridade e do engajamento do organismo midiático ao propósito do locutor-original. Por outro

lado, em relação ao locutor-original, os ditos relatados geram efeitos de autenticidade, responsabilidade e verdade. No entanto, observou-se que essas modalidades na maneira de relatar apresentam graus diferentes de efeitos em suas visadas, nomeadamente, incitação e informação.

A maneira de relatar o dito original por citação é aquela em que a visada de informação parece concentrar mais efeitos de autenticidade e verdade, além de delegar totalmente a responsabilidade ao locutor-original. Por outro lado, a narrativização é o modo de relato que permite mais interpretabilidade, estando mais propícia à visada de incitação, já que o locutor-relator pode impor ao destinatário-alvo o seu próprio ponto de vista sobre o fato. A evocação e a integração são os modos de relato que se situariam entre os dois anteriores, embora a integração esteja mais próxima à citação, e a evocação, à narrativização. No entanto, verificou-se que a integração permite certa mobilidade nesse *continuum*, pois, dependendo da escolha do verbo modalizador, o dito relatado pode apresentar mais interpretabilidade, inscrevendo-se em uma visada de incitação, ou mais autenticidade, filiando-se a uma visada de informação.

Embora as diferentes formas de construir o discurso relatado propicie ao jornalista diferentes graus de engajamento, bem como a constatação de diferentes pontos de vista, podemos concluir que nos doze exemplos analisados houve preservação do ponto de vista do dito original, que, na maioria dos exemplos, era o do jogador. Embora tivesse tido a oportunidade de dar mais visibilidade ao ponto de vista da mulher, dando-lhe voz e oportunidade de se defender, as manchetes se mantiveram fiéis à perspectiva machista que impera no imaginário social. Ao ler as matérias divulgadas por esses títulos, até

poderemos perceber que, em algumas, há crítica ao comportamento do jogador. Mas isso não é explorado como potencialmente capaz de captar o público e levá-lo à leitura da matéria. O apelo afetivo é feito com base na vitimização do estuprador e culpabilização da verdadeira vítima.

Diante de tal constatação, podemos concluir que a informação, por si mesma, não tem o potencial de provocar raciocínio crítico-reflexivo sobre os fatos, visto que informar um fato significa tão somente apresentá-lo à opinião pública. Se considerarmos que as mídias, mais que informar, também precisam incitar o leitor a consumir sua informação, vemos que não há, de fato, um compromisso dessa instância com a formação de um pensamento crítico na sociedade. Essa criticidade vai depender de fatores que extrapolam essa dupla visada informativa-incitativa, e o engajamento do relator-jornalista, por meio da maneira de relatar escolhida, poderia se configurar como um desses fatores. Entretanto, a visada midiática (informar/incitar) acaba prevalecendo – no caso das manchetes sobre o envolvimento de jogadores de futebol em estupros, a crítica dos fatos fica totalmente a cargo da opinião pública, perpetuando o senso comum sobre a culpabilização da mulher, de modo que o discurso relatado se apresenta como uma justificativa para o estupro.

Referências

CERQUEIRA, D.; COELHO, D. **Nota técnica: Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde** (versão preliminar). Nº 11. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/5780>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

CARBONE, A. **10 previsões para o futebol brasileiro nos próximos 20 anos**. Yahoo esportes, 29 dez. 2019. Disponível em: <[https://esportes.yahoo.com/noticias/previsoes-futebol-brasi-](https://esportes.yahoo.com/noticias/previsoes-futebol-brasi)

[leiro-2040-090016069.html?guccounter=1&guce_referrer=aHR0cHM6Ly93d3cuZ29vZ2xlLmNvbS8&guce_referrer_sig=AQAAACedjz3FTvO2ppJTicw42CPUyosddlq4tk04_40c2mS96b-ZWkbRB52kA9rkf6Kv3_sHl9MxnmCOOdKqjx-MoZYYUp6xTXvX1fyE-3LotyAijYLwcv9_BmF-VlFjr9ZYyt9SGkOjYzdMzmpYc26P_zkAWNHqc-9TE3o6LRS3_xFVFQG](https://esportes.yahoo.com/noticias/previsoes-futebol-brasileiro-2040-090016069.html?guccounter=1&guce_referrer=aHR0cHM6Ly93d3cuZ29vZ2xlLmNvbS8&guce_referrer_sig=AQAAACedjz3FTvO2ppJTicw42CPUyosddlq4tk04_40c2mS96b-ZWkbRB52kA9rkf6Kv3_sHl9MxnmCOOdKqjx-MoZYYUp6xTXvX1fyE-3LotyAijYLwcv9_BmF-VlFjr9ZYyt9SGkOjYzdMzmpYc26P_zkAWNHqc-9TE3o6LRS3_xFVFQG)>. Acesso em: 01 de nov. 2020.

CHARAUDEAU, P. Análise do discurso, controvérsias e perspectivas. In: Mari H. *et alii* (dir.), **Fundamentos e dimensões da análise do discurso**. Fale-UFMG, Edit. Carol Borges, Belo Horizonte, 1999, p. 27-43.

_____. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. **Gêneros: reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: Nad/Fale-UFMG, 2004, p. 13-41.

_____. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Org.) **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27.

_____. **Discurso das mídias**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2010a.

_____. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2010b.

_____. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E. MACHADO, I. L. (org.). **As emoções no discurso**. Campinas (SP): Mercado Letras, 2010c.

_____. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.

IPEA. **Tolerância social à violência contra as mulheres**. Brasília, 04 abr. 2014. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 6ª ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

VEJA. **Cristiano volta a testar positivo e pode ser desfalque contra o Barcelona**. Veja, 22 out. 2020. Disponível em: <[https://veja.abril.com.br/placar/cristiano-volta-a-testar-positi-](https://veja.abril.com.br/placar/cristiano-volta-a-testar-positi)

[vo-e-pode-ser-desfalque-contra-o-barcelona/>](#).
Acesso em: 01 nov. 2020.

VENCESLAU, I. **Surpreendente cartografia dos estupros no Brasil**. Outras palavras – Jornalismo de profundidade e pós-capitalismo. São Paulo, 19 ago. 2020. Disponível em: <<https://>

[outraspalavras.net/crise-brasileira/surpreendente-cartografia-dos-estupros-no-brasil/>](#).
Acesso em: 10 nov. de 2020.

Recebido em: 05/04/2021
Aprovado em: 02/08/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.